

## **LEITURA DO/NOS BOOKSTAGRANS: POSIÇÕES-SUJEITO NO PERFIL @DYLANFERRAZ**

Natália de Lima Ferreira Papais<sup>1</sup>

A leitura, embora tenha o seu local de prestígio na sociedade, muitas vezes é encarada como privilégio de uma classe específica, e isso por uma série de razões, como a dificuldade de acesso aos livros, em seus formatos físicos ou digitais, e o obstáculo, por parte do leitor, de encontrar um gênero literário que o agrade. A circulação da imagem de um leitor socialmente cristalizada em nosso imaginário, como alguém culto e que consome (apenas) a literatura do cânone, parece fazer com que outros propensos leitores imaginem não se enquadrar nesse padrão. Entretanto, uma vez que eles têm contato com outros que se encontram na mesma situação, esse imaginário começa a ser desconstruído, possibilitando a emergência de outros perfis de leitores. Como consideram Machado e Silveira (2020), uma tendência da literatura juvenil contemporânea é alterar exatamente essa percepção do leitor jovem: ao invés de estranho e solitário, é aquele que busca novas experiências e emoções, que se identifica cada vez mais com as transformações sofridas pelos livros, os quais se aproximam dos videogames, têm sua divulgação similar aos trailers cinematográficos e ganham cada vez mais novas adaptações em outros elementos culturais, como filmes e séries.

Não apenas a figura do leitor é muitas vezes cristalizada, mas também os sentidos, que são fixados por críticos que estipulam aquilo que é desejado (em uma noção de prestígio social) para a leitura de um livro. Como considera Orlandi (2001), o professor e professora, em seu exercício profissional em um viés tradicional, adota como modelo a leitura estabelecida não apenas pelo crítico, mas também aquela fornecida pelo livro didático, sendo ele a autoridade imediata para a leitura “correta” por parte dos alunos. É o mecanismo histórico da sedimentação de sentidos que propicia essa cristalização dos sentidos, pois produz a institucionalização do sentido dominante que se segue à legitimação, fixando-o como central, oficial, literal.

É nesse momento que entram em evidência as relações de força existentes na sociedade, sendo, como considera a autora, o(s) sentido(s) determinado(s) pelas posições que os sujeitos ocupam e, mais do que isso, parte constitutiva do processo de significação, reflexos do jogo de poder da/na linguagem. Pensando sobre os propósitos ou objetivos das leituras, discute-se amplamente hoje que, para além de ser apenas uma forma de entretenimento, a leitura pode ser também um exercício de empatia, proporcionando ao sujeito leitor outras compreensões sobre si, os outros, o mundo. De acordo com Orlandi (2000, p.11), a leitura é um processo bastante complexo e que envolve muito mais do que habilidades que se resolvem no

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras - Português e mestranda em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

imediatismo da ação de ler: “Saber ler é saber o que o texto diz e o que ele não diz, mas o que o constitui significativamente.”

A internet, atualmente, desempenha um papel de grande relevância nos processos de interação dos sujeitos com os outros, com a língua e com as práticas de leitura. É assim que as redes sociais, em especial a intitulada Instagram, podem funcionar como espaço digital de aproximação desses vários sujeitos em torno de uma perspectiva em comum. Com base em Pêcheux (1995), consideramos o sujeito como aquele indivíduo que é consequência do funcionamento da ideologia sobre si e que, por isso, está inserido em uma determinada formação social. Esse aspecto, por sua vez, é responsável por possibilitar a identificação desse sujeito com algum grupo social ligado aos mesmos fatores espaciais, históricos, geográficos ou culturais que agrupam indivíduos com as mesmas identificações. Visto que tal sensação de pertencimento se transforma em discursos, inclusive no meio digital, como o Instagram, não é possível pensar em um sujeito que esteja separado desse processo, uma vez que, como aponta Wanderley (2020), essa identificação à determinada formação discursiva (FD) é imprescindível para que o indivíduo se torne sujeito.

O sujeito é aquele indivíduo sujeito à língua e à história já que, como Orlandi (1999) aponta, essa é a condição necessária para a fala, para a produção de sentidos. Mesmo ocupando esse espaço, o sujeito não tem acesso ao modo como o faz, uma vez que não é possível recuperar diretamente o interdiscurso que permeia esse locus. Isso tem relação direta com a ideologia, uma vez que “[...] não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido” (Orlandi, 1999, p.17).

A ideologia comparece, assim, como condição fundamental para as construções de sentido, no momento em que contribui também para os movimentos de interpretação, aspecto essencial para a metodologia da AD. É ao compreender as noções de sujeito e ideologia que conseguimos compreender a formação discursiva e o seu papel nas relações de sentido, uma vez que, em uma dada situação sócio-histórica, determina-se o que pode e deve ser dito. Do mesmo jeito que o conceito de sujeito, a FD não é algo possível de ser acessado externamente, e, como a ideologia, não é algo fixo e estagnado, mas que é composto por fronteiras fluidas, sempre em contínua modificação pelos interdiscursos, que, como Orlandi (2020, p.31) expõe, é “[...] todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos”, ou seja, trabalha com a re-significação do sujeito sobre o que já foi dito, o repetível, possibilitando os deslocamentos promovidos pelo sujeito nas fronteiras de uma FD, inscrevendo-se, portanto, no nível de constituição do discurso.

Como considera Indursky (2005), as formações discursivas não são homogêneas, mas sim heterogêneas e logicamente estáveis, e, por isso, amparada em Pêcheux (1995), há de se pensar em modalidades de tomada de posição, uma vez que é necessário pensar em efeitos de fechamento das formações discursivas, e não em um fechamento exato. Se as ideologias se constroem a partir da relação entre sujeito, história e linguagem, elementos em constante transformação, e é difícil pensar em uma

cristalização das ideologias, quanto mais o seria fazê-lo com as formações discursivas e os posicionamentos dos sujeitos.

A interpelação do indivíduo em sujeito está relacionada diretamente com as condições de produção no e pelo espaço digital que, mesmo com suas peculiaridades, mobiliza também os sujeitos e as ideologias, como forma de conectar e aproximar aqueles que se identificam com uma dada formação discursiva. Os discursos então produzidos nesse contexto se materializam principalmente nos posts do feed e nas outras discursividades do/no Instagram - que emergem IGTV's, Stories, Reels, entre outros. Uma vez interpelado pela ideologia, o sujeito passa a se individualizar e se posicionar na sociedade, o que acontece ao se identificar ou não com os conteúdos postados. Ainda assim, como analisam Grigoletto e Galli (2021), especialmente sobre a adesão ou não às hastaghs, é válido pontuar que não necessariamente um grande número de curtidas e comentários é sinônimo de identificação, mas sim de um movimento de aderência, no qual “[...] vai se produzindo um efeito de esvaziamento dos sentidos pré-construídos, os quais poderiam dar sustentação às identificações ideológicas e à atualização da memória, fazendo com que o próprio movimento de (des)identificação dos sujeitos-usuário se torne difuso” (Grigoletto; Galli, 2021, p. 250).

Pensar, então, a tecnologia digital é, conforme aponta Dias (2018), pensar como tal significante funciona na sociedade contemporânea, tendo sempre em vista as relações construídas entre língua, sujeito e história. Para Orlandi (2001), o discursos pré-digitais são compostos em três momentos de produção (constituição, formulação e circulação), sendo que o digital, enquanto condição de produção do discurso, modifica a relação e ordem entre tais momentos, ao passo que é através da circulação que o discurso digital se constitui e se formula.

Uma vez, então, que a sociedade e as condições de produção são consideradas nessa interação, passa-se a perceber de que maneira são construídas as relações entre língua-discurso-ideologia, ou seja, como e quais são as relações entre o sujeito e a ideologia e como elas perpassam os discursos. A linguagem passa a ser uma prática simbólica e transformadora, especialmente a leitura, prática social que aqui focamos.

É dessa forma então que passamos a considerar a leitura sob uma ótica discursiva, uma vez que esse processo acontece por meio de um jogo interacional que é produzido em condições sócio-históricas determinadas e que devem ser levadas em consideração nas construções de sentidos. Esse jogo, como Orlandi (2012) aponta, é uma relação de confronto entre o leitor virtual, constituído no ato da escrita, o leitor real, aquele que lê o texto, o autor, outros textos, o seu referente e, por se dar entre sujeitos, são também relações sociais e históricas, porque mediadas pelos objetos. Com isso, deixa-se de acreditar em um autor onipotente, que controla todos os significados do texto, a transparência do texto, que já dá os sentidos apenas a serem descobertos e um leitor onisciente, que domina todas as determinações de sentidos que existem nos processos de leitura. Ao contrário, torna-se fundamental refletir sobre os seguintes aspectos: a leitura enquanto processo de produção de sentidos; a especificidade e história do sujeito-leitor; a determinação histórica e ideológica dos sujeitos e dos sentidos; os múltiplos e variados modos de leitura e a

noção de que nossa vida intelectual é diretamente relacionada com os modos e efeitos de leitura de cada época e segmento social. Dessa forma, se a leitura é produzida em um contexto sócio-histórico que deve ser considerado, é importante considerar que o leitor, enquanto participante do processo de produção de sentidos, não é a origem do discurso, mas sim da unidade e coerência, ao assumir a sua função e posição social.

Como expõe Bittencourt (2017, p. 15), as redes sociais não foram criadas com o surgimento da internet, nos idos de 1960, mas sim desde que os seres humanos começaram a conviver em sociedade. O que aconteceu foi que, especialmente a partir de 2008, com a popularização da internet e desenvolvimento das tecnologias digitais, “[...] essas redes sociais passassem a ser reproduzidas no meio digital, e, por conseguinte, ampliadas. O acesso foi facilitado com a praticidade que os aplicativos de redes e mídias sociais trouxeram [...]”.

É com tantas possibilidades de comunicação que os bookstagrans surgem nessa rede social como um perfil que tem o objetivo de promover a(s) leitura(s), incentivando e estimulando novos leitores. Normalmente criados por apenas uma pessoa, esses perfis comentam e divulgam as leituras realizadas, normalmente com uma curta resenha postada na legenda da foto que, geralmente, é a foto do livro lido. Mas, ainda que sejam conduzidos por apenas um internauta, isso não exclui o fato de, como considera Catanho (2020, p. 31), “[...] transformar a leitura de uma atividade amplamente individual para uma atividade essencialmente social [...]”, uma vez que tais leituras são compartilhadas com toda uma comunidade de outros leitores online. Consideramos que tal compartilhamento aproxima-se mais de uma opinião coloquial que crítica formal e especializada, ainda que existam aqueles perfis que tenham um foco mais tradicional e acadêmico. Seja como for, essas trocas de sugestões de leituras e livros atingem um público numeroso que, mesmo geograficamente separado, compartilha e potencializa seus interesses, como Machado e Silveira (2020) apontam. Considerando que grande parte dos usuários do Instagram é jovem, seja produtor de conteúdo ou leitor, o compartilhamento das leituras na plataforma é uma forma não apenas de achar um gênero literário que mais aprecie, mas também de se identificar com aqueles leitores mais próximos à sua realidade.

Mais do que isso, os bookstagrans também vem modificando a forma como, especialmente a ficção, é comercializada, lida e criticada, algo que vem chamando a atenção das editoras, não apenas como uma estratégia de marketing na divulgação de livros, mas também como forma de prospecção de uma expressiva “fatia do mercado” de potenciais clientes que pouco consumiria seus produtos se não fossem por esses perfis. Dessa forma, as próprias editoras promovem parcerias com os bookstagramers para divulgar determinado lançamento e promover ações e eventos culturais do/ no mercado editorial, através de algumas estratégias específicas.

No perfil analisado do Dylan Ferraz, que logo em sua bio, espaço do Instagram dedicado à apresentação do perfil, anuncia que é professor de Língua Portuguesa em Sooretama (ES) e posta resenhas, sinopses e dicas de livros. Além disso, anuncia também seu número de CEP e caixa postal, pois

é por meio desse número que ele pode receber os exemplares das livrarias e possíveis itens de seus seguidores.

É interessante notar que os Reels que datavam de abril a outubro de 2020 apresentavam uma estrutura diferente dos mais recentes, tanto em relação à edição e composição quanto ao conteúdo, pois, ao invés de serem vídeos nos quais os livros eram mostrados, o próprio Dylan aparecia e debatia sobre temas específicos: discussões sobre gêneros literários diferentes, como autobiografia, distopia e sonetos e resumos de livros indicados na lista de leitura obrigatória de alguns vestibulares. Provavelmente, tais escolhas foram feitas como estratégia para atrair e manter os seguidores da página, que têm o interesse nos temas por causa dos conteúdos escolares e provas de vestibulares, elementos que, possivelmente, fazem parte do seu cotidiano enquanto professor. Porém, a partir de agosto de 2020, percebemos uma mudança na escolha das obras, que passaram a focar muito mais na literatura contemporânea, especialmente de língua inglesa.

Essa mudança no perfil impactou até mesmo o trabalho com os clássicos, o que notamos em dois posts que comentam o livro “Vida Secas”, de Graciliano Ramos. O primeiro, datado de 14 de maio de 2020, consta com um resumo bem objetivo do livro, evidenciando os problemas sociais que são tematizados no livro e que a obra é um exemplar característico da segunda fase modernista. O segundo post, datado de 7 fevereiro de 2022, já apresenta uma construção, principalmente da foto, muito diferente. Ao invés de apenas apresentar um resumo da obra, Dylan agora descreve um pouco mais sobre os acontecimentos da narrativa, apresentando alguns personagens e dando com mais detalhes as dificuldades que a família precisou enfrentar ao tentar fugir da seca.

A própria construção da segunda imagem, por exemplo, apresenta uma série de dicas que são fornecidas ao leitor e que “combinam” com a temática da resenha: o tom sóbrio, em tons terrosos, ainda que esteja presente nas demais publicações do perfil, também em uma preocupação estética com o feed, nos remete à difícil trajetória narrada na obra, bem como a casa de argila na foto remete ao leitor (da resenha e do livro) a busca que a família enfrenta para encontrar um lar que atenda às suas necessidades e desejos. Ademais, a presença de outra edição do livro no canto inferior direito da imagem também nos indica que o livro foi lido em diferentes versões, sendo que foi a versão lida no primeiro post sobre a obra. Pensar na composição das imagens e nas memórias que elas retomam sobre a leitura é fundamental para nossos gestos de interpretação. Como Galli (2018) considera, o livro, e, no nosso caso, a sua composição com outros objetos na foto, enquanto “objeto fascínio” e não como “objeto material”, também é fundamental para o encantamento e prazer com a leitura, e não como mera reprodução dos sentidos.

Pensar em tais mudanças nos leva à análise de que esse deslocamento do sujeito, que antes focava em livros e discussões tão voltadas ao trabalho com o vestibular, talvez em uma tentativa inicial de atrair e manter seus seguidores, até mesmo os seus próprios alunos, evidencia a noção de uma leitura programática, com o objetivo final da aprovação no vestibular. Dessa forma, consideramos que até mesmo a concepção que se tem de literatura, nesse viés, é pragmática e intermediária, pois, como Zilberman

(2012, p. 255) considera, é “Pragmática, porque o conteúdo da aprendizagem é determinado pelo que se pode ou se deve lecionar; intermediária, porque instrumento daquela aprendizagem.” Isso é reflexo do impacto que os exames vestibulares tiveram no ensino da própria literatura, uma vez que ela passa a ser considerada sob uma perspectiva evolucionista e historiográfica, como também considera a autora. Com isso, a leitura torna-se muito mais um exercício restrito de “encontrar” no texto os estilos e características de determinado autor e/ou movimento literário do que uma possibilidade de estabelecer e encontrar ali os indícios de humanidade que podem funcionar como aproximação ou não entre os sujeitos de meios sociais e históricos distintos. A partir da noção discursiva de leitura enquanto prática social e não mera codificação, caberia questionarmo-nos muito mais em que (ou como) nos aproximamos ou nos afastamos daquela narrativa do que porque tal texto é do Romantismo ou Realismo.

Mesmo que a obra resenhada não tenha mudado, conseguimos perceber a mudança que há na relação que o bookstagrammer busca construir com a narrativa de Graciliano Ramos, que, ainda que estivesse mobilizando a leitura de um clássico da literatura brasileira, a discute de maneira mais profunda no segundo momento. A relação com o vestibular se mantém, por meio da menção ao tema da redação do ENEM de 2021 e em como a leitura do livro poderia ser “útil” na argumentação sobre o tema, afinal, há, talvez, uma tentativa de ainda manter o seu público que está interessado nas leituras para o vestibular, mas percebemos que há uma preocupação maior em refletir sobre as personalidades dos personagens da obra e as dificuldades que enfrentaram em sua trajetória em melhores condições de vida. Todas as aproximações aos desafios e tragédias que acompanham os personagens promovem uma sensação de identificação com as próprias dificuldades que os leitores podem vivenciar em sua vida, o que nos remete a uma noção de leitura que busca a humanização e reflexão sobre a vida, pensando nas continuidades possíveis entre ficção e realidade.

Conforme Pêcheux (1990) considera, o discurso é um jogo de efeitos de sentidos construídos pelos sujeitos que ocupam espaços específicos em uma determinada formação social, na qual as relações construídas com o simbólico e imaginário são fundamentais para sua interpelação e estruturação enquanto sujeito. Dessa forma, é fundamental considerar que, nos processos discursivos, as formações imaginárias designam os lugares “[...] que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro” (Pêcheux, 1990, p. 82), sendo válido ressaltar que essa “atribuição” de lugares e sentidos não é transparente, mas sim resultado da ilusão de um sentido único, de que o sujeito é a fonte do sentido e que tem domínio do seu discurso.

## REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, P. P. **Bookstagrammers e sua influência no consumo de livros e objetos literários**. 2017. Monografia (Graduação em Comunicação Social - Produção Editorial) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2017.

CATANHO, C. **Bookstagram**: uma nova forma de cativar leitores: os casos dos Estados Unidos da América e Portugal. 2020. Dissertação (Mestrado em Ciências da Documentação e Informação) - Universidade de Lisboa, Lisboa, 2020. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/44139>. Acesso em: 06 mar. 2023.

DIAS, C. **Análise do discurso digital**: Sujeito, espaço, memória e arquivo. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.

GRIGOLETTO, E.; GALLI, F.C.S. O funcionamento discursivo das hashtags: processo de (des)identificação ou aderência? *In*: GRIGOLETTO, E.; NARDI, F. S.; SOBRINHO, H. F. S. (org.). **Ousar se revoltar**: Michel Pêcheux e a análise do discurso no Brasil. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021. p. 235-252.

MACHADO, P. A.; SILVEIRA, R. M. H. Novas práticas juvenis de leitura- cultura digital e formas de apropriação. **Interdisciplinar**, São Cristóvão, UFS, v. 33, p. 48-67, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.47250/intrell.v33i1.14176>. Acesso em: 06 mar. 2023.

PÊCHEUX, M. **Por uma análise automática do discurso**. Campinas: Unicamp, 1990.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso**: Uma crítica à afirmação do óbvio. 2. ed. Campinas, SP: Unicamp, 1995.

ORLANDI, E. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.

ORLANDI, E. **Discurso e leitura**. Campinas: Cortez; Editora da Unicamp, 2000.

ORLANDI, E. **Interpretação**: Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 3. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

ZILBERMAN, R. **A leitura e o ensino da literatura**. Curitiba: Intersaberes, 2012.